

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA: LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO: CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



CHALE DE SEDA CRÈME BORDADO E COM FRANJA — MODELO HENRY À LA PENSÉE

(Foto Manuel Frères)

EXIGIR COM ESTE NÚMERO A FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

AQUI PARA NÓS... CRISÂNTEMOS...

CRISÂNTEMOS, despedidas de verão se chamavam eles dantes, quando eram humildes e o saber dos horticultores não tinha levado ao exagêro as suas corolas, fazendo delas a maior das flores, a flor gigante que trás consigo uma ideia exótica do Japão misterioso, daquele Japão de Loti, pequenino e triste nos pormenores, enorme e interessante no conjunto, mas sempre romântico, dum romantismo débil e sorridente de «moussmé».

Despedidas de Verão — Mas quem se despede? O verão ou as flores? O sol de hoje e as montras das floristas dizem-me que nem um nem outras; só o nordeste, fininho, agudo, picante como um aperitivo, avisa que Dezembro está à porta.

O Dezembro — da neve — que nesta Lisboa de milagre é apenas um símbolo...

O Dezembro — das lareiras — que no centro do país são apenas saudades.

O Dezembro — dos dias negros — que, à beira do Tejo, são uma «blague».

No entanto alguma coisa se despede, uma vez que por toda a parte se vêem despedidas.

Serei eu?

FRANCISCA DE AYRE.

FISIOGNOMIA PRÁTICA

COMO conhecer as boas e as más qualidades de alguém num abrir e fechar de olhos???

Com um pouco de exercício basta decorar as seguintes regras e tê-las sempre bem presentes, não obstante o provérbio de que... não há regra sem excepção.

Olhos secos e sem brilho, denotam um coração também seco e pouco sensível.

Olhos castanhos são indicativos de bondade.

Um nariz insignificante prova que o seu possuidor é insignificante.

Uma boca permanentemente aberta é sinal de cabeça ôca.

O lábio superior muito saliente, aparenta malícia e avaria.

As maçãs do rosto carnudas, são testemunho de boas faculdades digestivas e necessidade de boa alimentação!

Um nariz pontagudo caracteriza um espírito de soalheiro cheio de curiosidade pelas vidas e acções particulares do próximo.

Olhos muito grandes num rosto pequeno, é prova de malícia e cinismo.

Uma maxila retraída é sintoma de falta de resolução e espírito fraco.

O lábio inferior muito saliente é o característico da ostentação e do orgulho e até por vezes da loucura.

Um cabelo fino demonstra inteligência e bom gosto.

Dentes irregulares são o sinal de falta de cultura e mau gosto.

Uma cova no queixo, embora constitua um característico de beleza, poderá atestar uma organização mental bastante fraca.

As maçãs do rosto muito elevadas, denotam força de carácter e resolução, principalmente quando aliadas aos maxilares rectos e fortes.

Sinais no queixo ou no pescoço indicam que a pessoa que os possui é activa e sanguínea.

Finalmente, ser assinante da Voga, além de revogar toda a legislação fisionómica em contrário, denota ainda um espírito eminentemente evolutivo, emoldurado por manifestas faculdades de inteligência e bom tom!

RUTH BAYTON



A myi nobre senhora inglesa Lady Spickhead é uma bailarina clássica de subido valor, dum raro virtuosismo. Discípula de Isadora Duncan, vêmo-la na nossa gravura mimando um poemeto musical de Ravel

VIDA ELEGANTE



O casamento da sr.^a D. Natália Cohen Zagury com o sr. José Martins Contreiras

RÉCITAS DE CARIDADE. — A elegante récita de caridade a que há tempos fizemos referência nesta secção, e que se efectuará em um dos teatros da capital do norte, por distintos amadores, constará da representação da engraçada e lindíssima zarzuela-chica «Verbena de la Paloma» inspirada partitura de Breton, à qual, decerto, estará reservado um grandioso êxito.

CHÁS DANÇANTES. — Continuam sendo um elegantíssimo ponto de reunião os chás dançantes dos domingos do Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, hoje considerados como um rendez-vous obrigatório de tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoril, como de Lisboa e das outras praias da linha de Cascais.

— O segundo chá dançante na Assembleia da Foz do Douro constituiu um grande acontecimento mundano, não só devido ao grande número de senhoras da primeira sociedade da Foz e do Porto, como também a animação em que sempre decorreu.

REUNIÕES DA «ÉLITE». — Os recitais dramáticos da Companhia italiana de Ema Gramatica tem sido, como é natural, grandes reuniões de «élite», vendendo-se na sumptuosa sala do S. Luís tudo que há de mais selecto na nossa sociedade.

Cada nova recita cada noite de arte que passa é um novo triunfo para a grande artista italiana, para sua irmã Irma, outra artista de raça, e para o excelente actor Memo Benassi.

Ao acaso, nas primeiras recitas, pudémos ver na sala as seguintes ilustres senhoras:

Madame Gallis, Madame Lafayete de Carvalho e Silva, Duquesa de Palmela, Condessa de Santar, Condessa de Carnide, Condessa de Atalaia, Condessa de Mafra (D. Maria Antonia), D. Augusta Ferreira de Azevedo Castelo Branco, D. Berta Ortigão Ramos, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Elisa da Guerra Baerlein, D. Rosa Pinheiro Chagas, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre (Sotto de El-Rei), D. Rosa da Silva Beirão, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Albertina Diogo da Silva Teixeira e filha, Madame Patricio Gil, D. Margarida Luz Coruche de Almeida, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Margarida Correia de Barros e filha, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Isabel Ortigão Burnay Belo, D. Maria Amelia Burnay de Macedo Sande e Castro, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Helena Mauperrin Fernão de Castelo Branco, D. Ludovina Soares de Albergaria Soto Maior Diniz, Madame Roldan y Pego, D. Julieta Vaz Bernardes Alves, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Aida Mourão Aires de Magalhães, D. Amelia Baerlein de Castelo Branco, D. Maria da Conceição Plácido Torres Pereira, D. Maria da Nazareth de Almeida Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Betencourt da Camara, D. Maria Montessuma Santiago Presado, D. Margarida Canavarro Fernandes Costa, D. Sofia Pinto Basto Mac Nicoll, D. Raquel Vieira de Matos e filha, D. Marta Aires de Magalhães, D. Maria Alexandrina de Figueiredo Souto, D. Candida Aires de Magalhães, Madame Smith,

D. Berta Bastos Mendes, D. Sofia Liebermaister de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega), D. Maria Alice Tedeschi Plácido, D. Maria de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Antonia Ferreira Pinto, D. Maria Portocarrero de Almeida Coutinho, D. Maria Antonia Tedeschi Plácido e filha, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Suzana Aires de Castro, D. Maria Cordeiro de Campos Henriques, D. Ester Abecassis Seruya e filhas, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Alda Guedes Pinto Machado, Madame Mario Pinheiro Chagas, D. Maria Pizarro de Sampaio e Melo de Portugal, D. Ana Caldeira, D. Ana Vaz de Sant'Ana e irmã, D. Cacilda Euler de Carvalho, D. Maria José Caldeira Coelho, D. Antonia Liebermaister, D. Virginia Luiza Cardoso, etc.

CASAMENTOS. — Realizou-se no dia primeiro de Dezembro, na capela do palacete dos viscondes de Mafra, à rua de S. João dos Bemcasados, o casamento de sua gentil filha, D. Maria Isabel, com o sr. João do Casal Ribeiro Ulrich, filho da sr.^a D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich e do sr. dr. João Enes Ulrich, illustre presidente do Banco Nacional Ultramarino.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} Condessa de Mafra (D. Maria Antonia) e D. Maria de Melo Breyner Andersen, cunhada e irmã da noiva, e de padrinhos os srs. dr. Ruy Enes Ulrich e Manuel do Casal Ribeiro, tios do noivo.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

— Realizou-se na paróquia igreja de Santa Izabel o casamento da sr.^a D. Maria Julia de Brito e Cunha, gentil filha da sr.^a D. Margarida de Brito e Cunha e do sr. Alvaro de Brito e Cunha, com o sr. Fausto Alberto Acciaoli de Avilez Oliveira, filho da sr.^a D. Maria da Assunção Acciaoli de Avilez Oliveira, já falecida, e do clínico em S. Vicente da Beira sr. dr. Alberto de Oliveira, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a condessa de Avilez (D. Virginia) e de padrinhos o pai da noiva e o sr. conde de Avilez. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos pais da noiva à Rua de S. Bernardo um primoroso «lunch» da «Garrett», partindo os noivos depois para o Estoril, onde vão passar a lua de mel, seguindo dali para as propriedades do pai do noivo em S. Vicente da Beira.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Em casa dos pais da noiva, realizou-se com invulgar brilho o casamento segundo o rito israelita da sr.^a D. Natália Cohen Zagury com o sr. José Martins Contreiras, ambos figuras de relevo elegante e de famílias considerabilíssimas na sociedade lisboeta. A festa nupcial foi uma verdadeira parada de elegâncias e de luxo, fazendo-se notar o lindo vestido da noiva, que lhe realçava ainda a formosura.

— No dia 15 do corrente deve realizar-se na paróquia igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Elena Pedrosa Calleya, gentil filha da sr.^a D. Alice Pedrosa Olímpio e enteada do distinto advogado sr. dr. Cláudio Olímpio, com o sr. dr. Júlio Palácios, illustre catedrático espanhol, filho da sr.^a D. Basília de Lostale Martinez Palácios e do sr. D. Miguel Palácios.



O casamento da sr.^a D. Maria Julia de Brito e Cunha com o sr. Fausto Alberto Acciaoli de Oliveira

Os noivos saindo da igreja

OS NOSSOS RAIDS



O «Nash» na praça de Bocage, em Setúbal

As impressões que trouxemos da saudação da Voga, às terras alentejanas, impressão gratíssima, e que ainda conservamos muito viva, não nos permite por enquanto distinguir bem o nosso enlevo; não sabemos ainda se éle deve mais ao encanto da magnifica recepção, se à belesa e ao extraordinário poder de evocação pictural e historica da formosissima provincia de Portugal.

O esforço da casa Aillaud foi bem compreendido e gentilmente testemunhado nesta nossa peregrinação amavel pelo Alentejo. Esta linda provincia de Portugal, de tão nobres tradições artísticas, nos seus esplendidos marmores, nos seus barros encantadores, no extraordinário amor às faianças ao mobiliário de bom gosto, a luminosa elegância das suas vilas, tem seguido em uma carinhosa atenção, o progressivo desenvolvimento da nossa revista Voga.

A mulher alentejana é muito ciosa do conjunto artistico do seu lar, e dos trabalhos de arte applicada, que tanto embelesam os seus serões.

Sente-se tudo isto, no aspecto geral das suas vilas, tão brancas, tão alegres, assentes como presepes, em enlevos de sonho, ou sentadas em lances de uma suave melancolia que predispõe ao encanto de artísticos labores.

Portugal tem no Alentejo o seu museu, o verdadeiro museu artistico da sua historia, plena de lendas maravilhosas, acordando sobre cada pedra um lindo trecho de elegância fidalga.

Foi com essa elegância que Alentejo retribuiu à Voga a sua saudação.

A nossa viagem ao Alentejo, quando outras consequências mais proveitosas não trouxesse, teve sobretudo o proveito de um maior amor à terra portuguesa que se radica mais firme, e mais pleno de desejo de abraçar, para com as belesas ignoradas do nosso belo país.

No regresso, Setúbal, participou já do novo ambiente do nosso espanto. A linda terra do Sado, com a sua encantadora praia de Albarquel, o formoso local de Outão, e a serra de Palmela, tão lindas coisas tão próximas de Lisboa, deu-nos uma triste impressão do abandono ingrato da grande maioria dos portugueses.

—



As nossas leitoras vão ter a oportunidade de aprender a desenhar. Vai ser inaugurado em Portugal o primeiro Curso de Desenho por Correspondência. Inaugura-o a Casa Bertrand através do seu «Magazine». Ali progressivamente podem as nossas leitoras aproveitar as suas faculdades artísticas e juntar aos seus predicados mais este — a hoje tão útil Arte do Desenho. Secção especial de Arte Aplicada Feminina sob o patrocínio da «Voga».

No próximo número do «Magazine Bertrand» serão indicadas as condições de admissão.

VEJAM OS ESPLÊNDIDOS

NUMEROS DE NATAL

DAS BRILHANTES PUBLICAÇÕES

ILUSTRAÇÃO — MAGAZINE BERTRAND — VOGA

Ayuntamiento de Madrid

NINHARIAS

QUANDO «ELES» FICAM EM CASA...

A propósito da nossa local publicada no número 6 da *Voga*, acerca do inquérito efectuado pela «Chicago Social Service Bureau», aquela repartição americana, já conhecida das nossas leitoras e que procurou descobrir quais as causas responsáveis pela antipatia que certos esposos americanos sentem pelo lar conjugal, recebemos de vários pontos do país, algumas considerações tendentes a provar que, sempre que os homens permanecem ociosos em casa, tornam-se prejudiciais ao governo, arranjo, calma e arrumação do «menage».

Tentando analisar, com a maior calma e ponderação a veracidade destas e outras afirmações análogas, a *Voga* encarregou uma das suas redactoras de entrevistar um certo número de esposas portuguesas, tendo sido colhidos os presentes depoimentos e registadas as seguintes opiniões.

A primeira entrevistada, alguém que se vela sob o pseudónimo de *Uma Esposa Indivorcável*, apressou-se em declarar que:

— Sim! Pode crer! Os homens quando estão em casa dão sempre muito mais trabalho que dez crianças travessas e irrequietas!

«Mexem em tudo, desarrumam os objectos mais inverosímeis e, não poucas vezes, isto é a causa das primeiras tempestades conjugais que teem por desfecho a catástrofe do divórcio.

«Como esposas, somos forçadas a concordar que, em geral, um marido que não é electricista, canalizador, carpinteiro ou alfaiate por profissão, quando está em casa sem ter nada que fazer, é sempre um... «indesejável»!

«É que todos os maridos teem uma arte especial para perturbar a rotina usual do serviço doméstico, e de uma maneira tal, que, ainda que a sua presença nos seja extremamente agradável e grata, não poderemos deixar de pensar que se «eles» não estivessem ali nesse momento, tudo estaria em casa muito mais sossegado e em tranquilidade.

«Orgulhosos por se reconhecerem os financeiros acreditados do «estabelecimento conjugal», os maridos julgam-se, assim, com o direito de exigir para si a máxima atenção e o maior conforto, sempre dispostos a considerar a esposa responsável por todas as faltas e incidentes possíveis e imaginários, que porventura sobreveem durante as horas em que se encontram a dentro dos seus domínios.

«Com efeito, quando os «sapatos amarelos» reluzem brilhantes e as «calças do fato azul» caem tão rectas e vincadas como uma lâmina de aço, marido algum, ao dizer, satisfeito, à criada: «obrigado, Ermelinda!» — dá valor à vontade, paciência e trabalho que a boa adaptação dessa Ermelinda, custou certamente a sua esposa.

«Mas quando os queixumes surgem agrestes, quando — «estes colarinhos estão mesmo uma vergonha!» — ou ainda — «este copo com certeza não foi bem lavado!» — já não é a criada Ermelinda quem é acusada...

«E a pobre esposa surge aflita, como ré responsável pela falta que não cometeu, sofrendo em silêncio, por vezes ante visitas, todo o peso da acusação indirecta e injusta.

«Depois, é uma caçarola que tomba sob o asfalto; lá dentro uma questão com a lavadeira (maldito cloreto), um protesto ao leiteiro, os passos mais pesados do homem que vem ver o contador, tudo adicionado a uma porta que se fechou mais violentamente, é o que basta para fazer com que Sua Magestade El-Marido, se erga furibundo e exclame num auge de cólera:

— «Que casa esta! Mas isto é um inferno!

«Dir-me-hão agora que não há homem algum que não aprecie o auxílio feminino. E eu acrescentarei: sempre um pouco por «Artes Mágicas», que as mulheres os sirvam tão invisíveis e silenciosamente como os génios nos contos das «Mil e Uma Noites»!

«Experimentai deixá-los tranquilos no silêncio dos seus gabinetes lendo o *Magazine Bertrand* de Novembro, e eles aparecerão em breve ordenando a aparição imediata da *Ilustração* de Natal!

«Porque, de resto, todos os homens gastam muito mais horas da sua existência em pura perda, do que qualquer mulher.

«São eles que constituem a legião enorme dos ociosos que a todas as horas se adornam às portas dos cafés e pelas esquinas das ruas principais, em flagrante transgressão ao nono mandamento, numa indiferença ao contracto conjugal e egoísmo tais, que só a alma bem portuguesa e a resignação meridional das esposas sempre laboriosas e submissas, que lá em casa os aguardam até altas horas, seria capaz de perdoar e esquecer!

«Porque a mulher que maior influência e atracção exerce sobre o homem, é sempre aquela que melhor sabe aparentar não ter nada que fazer, haja em vista...

Nesta altura, a redactora da *Voga* não quis ouvir mais.

E para pôr ponto no assunto, advertindo que já mais nos referiremos a tal, resta-nos, em homenagem aos nossos esforços, resumir, em síntese, os restantes depoimentos:

— Homens ociosos em casa, são piores que as crianças em dias de chuva, são como leões numa jaula, são... peixes fora de água!!!

Apoteose:

— Mas é tão belo, tão... inexplicável, ter a certeza que «eles» voltam sempre!!!!...

Novembro de 1927

LILITA.

O CASAMENTO DA PRINCESA ANA DE FRANÇA

O mundo aristocrático, ensombrado pela democracia do nosso tempo, acaba de viver uma hora de magnífica sumptuosidade, com a majestosa cerimónia do casamento da princesa Ana de França, filha do duque e da duquesa de Guise, com o príncipe Amadeu, duque de Pouilles, filho do duque e da duquesa de Aosta, que é também a princesa Elena de França.

O casamento realizou-se na Igreja de S. Francisco de Paula, em Nápoles, para onde os noivos se dirigiram a pé, atravessando a praça do

lugar à esquerda do altar. A direita, os membros do governo, embaixadores. Atrás das testemunhas, as casas civis e militares dos reis e príncipes presentes, damas da coroa e senhoras da aristocracia francesa e italiana.

Trajava a Princesa Ana um magnífico vestido de setim «royal», duma cor branca amarelada. Do lado direito, somente, o corpo era *drapé*. Um pouco sobre a esquerda, caída, uma banda do mesmo setim formava, à vontade, largas prégas, que um feixe de flores de laranjeira, graciosamente rematava na cintura. Multis-



Princesa Anna de França

(Foto Taponier)

Plesbicio, depois da cerimónia civil, efectuada no palácio real.

Foi neste percurso que a solenidade teve o seu maior esplendor.

Figuravam no cortejo, quatro reis: o rei de Itália, o rei de Espanha, o rei Boris da Bulgária e o rei Jorge, da Grécia.

Seguia-se um cortejo de princesas, príncipes e altas personalidades da velha aristocracia, como o duque de Guise, o duque de Génova, o príncipe Udino, o duque de Bergamo, o duque de Pistoia, e sua filha, a princesa Adelaide; o duque dos Abruzzos, a rainha Amélia, de Portugal, a duquesa de Vendôme; as princesas Isabel e Genoveva de Orléans, a princesa Maria José da Bélgica, a princesa Irene da Grécia, príncipe Paulo, da Grécia, príncipe Axel, da Dinamarca, e representantes de todas as famílias reinantes. Mussolini fez-se representar pelo sr. Tedesconi, notário da coroa.

Testemunharam o acto, pela noiva, o rei de Espanha e o rei da Bélgica, representado pelo seu embaixador em Roma, e por parte do noivo, o príncipe herdeiro da Itália e o cônsul de Turim.

Na nave os soberanos e os príncipes tomaram

simo ampla, a cauda do vestido era feita do mesmo setim. O véu, duma finíssima, preciosa e muito antiga renda de Chantilly, — era tão comprido e tão amplo, que lhe cobria toda a cauda do vestido. Foi este mesmo véu que a Duquesa de Aosta levou no dia do seu próprio casamento.

O conjunto dessa esplêndida *toilette* era assinado pelo grande costureiro Worth.

A Duquesa de Guise trajava uma *toilette* de brocado azul safira *lamé* de ouro. A ornamentar-lhe o colo, as orelhas e a fronte, a duquesa levava o magnífico adereço de brilhantes e safiras que pertenceu outrora à rainha Maria Antonieta.

A bênção nupcial foi dada pelo capelão-mor da corte, Monsenhor Beccaria.

Em seguida à cerimónia foi oferecido pelo rei de Itália um almôço de gala, na sala «Hércules» do Palácio Real.

Os recém-casados tiveram que vir várias vezes às varandas agradecer as ovações da multidão.

Grandes festejos populares prolongaram-se por toda a noite.

MADAME X.

VELHARIAS

MARIA DE FRANÇA

LUMINOSA figura de mulher, Maria de França foi a primeira poetisa que em versos franceses compôs e cantou engenhosas trovas de dramáticos amores. Mas quando esquecida está hoje a inspirada autora de mil novelas e canções trovadorescas, que durante a idade média foram o encanto das recatadas e formosas castelãs, bem como dos varões assinalados, quando nas vigílias dos seus castelos roqueiros, ao som da harpa ou do alaude, entre tinham os lazes, contando e cantando em redondilhas maviadas as extraordinárias e amorosas aventuras de esforçados cavaleiros, lindas princesas, poderosas fadas e temidos feiticeiros residentes em palácios encantados, fantasias romanescas com que se embalava a escandecida imaginação dos nobres e dos plebeus medievais!

Entre a numerosa pleiade dos poetas que ao tempo ideavam ou recolhiam das tradições populares da Europa, Ásia e África os cantares ou romances de amor e as façanhas dos heróis, das cruzadas, ou do rei Artur e imperador Carlos Magno, destacou-se vantajosamente, no século XII, uma mulher que passou a vida a poetizar em língua «d'oïl» ou normanda, precursora do francês actual, os mais lindos contos e canções — os «lais» narrativos e líricos, troncos donde se originaram e evoluíram o romance e a poesia erótica dos modernos tempos.

Minúcias biográficas dessa primeira poetisa francesa não as sabemos ao certo hoje, a pesar do que sobre ela há muito escreveram Legrand d'Aussi e Delarue. Ignoram-se as datas precisas do seu nascimento e morte, bem como o nome da povoação que lhe foi berço; mas sabe-se positivamente ter nascido em França, onde se instruiu nas línguas do norte e do sul — língua «d'oïl» e língua «d'oc» — bem como no latim, no inglês e porventura no idioma céltico falado em Gales e na velha Armórica. A data do nascimento é fixada em meado do século XII, isto é, pouco antes do ano de 1150, quando em Portugal reinava Afonso Henriques.

De França passou a Inglaterra, sob o reinado de Henrique II, a quem dedicou os seus «lais», publicados patrioticamente sob o nome imortredouro de «Maria de França».

O seu retrato, encontra-se num manuscrito do século XIII, guardado na Biblioteca Nacional de Paris.

Do muito que escrevem perdeu-se a maior parte, só nos restando hoje três obras: «*Lais de Bretanha*»; *Isopet* ou *Fábulas à maneira de Esopo*; e a *Lenda de São Patrício*. Qualquer destas obras é notável pela essência e pela forma. A mais valiosa de todas é, sem dúvida, a dos «Lais», verdadeiros romances de amor e aventuras, que ainda hoje podem ser lidos com deleite, porque Maria de França soube pôr neles os sentimentos da sua alma feminina, delicada, compassiva e melancólica. Há nessas narrativas rimadas um delicioso perfume de poesia em que os espectáculos da natureza, o céu, o mar e o campo nos são descritos tão ao natural que nos encantam, ao mesmo passo que os corações das personagens novelescas postas em scena se tornam simpáticos ao leitor pela generosidade, sinceridade e lealdade dos sentimentos que os animam.

O estilo de Maria de França hoje não se nos afigura impecável, mas seduz-nos irresistivelmente pela sua simplicidade e doçura, a contrastar com a rudeza da expressão, costumes e sentimentos da época.

Sabe-se que essa delicada e operosa escritora poetou para viver, podendo-se dela julgar que porventura foi a primeira mulher que fez da pena e da literatura o seu ganha-pão quotidiano. Sem embargo, Maria de França cultivou sempre esmeradamente as suas produções poéticas ou prosaicas, nas quais se destacam meigas figuras de mulheres, como aquela doce e dedicada esposa de Eli duque de Bretanha, cujo amor pelo marido chega ao extremo de renunciar ao seu jus conjugal, para que o inconstante esposo possa ser feliz com a sua nova amada, a filha do rei inglês de Exeter!

E, como esta inspirada novela, são todas as de Maria de França, alma gentil de mulher, que brilhou como astro radiante naquele tenebroso céu da Idade Média!

Quando é que os poetas e os romancistas das línguas neo-latinas se decidirão a fazer enfim a merecida comemoração solene dessa mulher portentosa, genial iniciadora do romantismo e do lirismo ocidental?

LUIZA DE ALMEIDA.

“VOGA”

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos às Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



LIÇÕES DE ELEGANCIA

EM nossa última palestra eu vos prometi, leitoras minhas, minhas amigas, dizer-vos, quando novamente nós conversássemos, qual o melhor e mais seguro meio de obter a máxima elegância no porte e no andar. Começamos a tratar deste último; restava-nos, porém, ensinar os preceitos a seguir, as regras para alcançar-se corrigi-lo ou aperfeiçoá-lo até atingir a ambicionada gracilidade.

Mais dum sistema existe. De todos o mais conhecido — e justo acho que o seja — é o sistema de ginástica ritmada de Jacques Dale-rose.

Complexo como é, difícil me seria expô-lo aqui em todos os seus pormenores. De resto, já bastas vezes se tem falado nesse método. Prefiro, leitoras amigas, conversar convosco sobre um mais recente sistema, cujos preceitos, voluntariamente professados apenas por uma *élite*, tiveram por autora uma mulher. Refiro-me ao sistema que uma grande dama norte-americana — Mrs. Watts — inventou.

Mrs. Watts revolucionou os salões aristocráticos de Roma; mais tarde, os de Paris, e a estes, de tal forma os alvoroçou, que não podiamos entrar em casa alguma do Faubourg sem imediatamente ouvirmos falar da graça, da elegância, da gentileza de Mrs. Watts. Era infalível o perguntarem-nos se já tínhamos estudado a maneira de apanhar do chão um lenço caído, ou se já sabíamos subir uma escada!... E ainda hoje, enquanto Mrs. Watts procura novas fontes de beleza, descansando à sombra das sossegadas árvores da ilha de Caju, o seu sistema continua a viver entre nós, e dia a dia, aqueles que presam a própria elegância praticam alguns dos ritos desse culto.

Não há mulher enamorada de Beleza que não tenha, cada manhã, dobrado os joelhos ritmicamente, e dum lado para o outro do seu quarto, andando em passo igual, — um passo elástico — mantendo a cabeça alta, o busto deitado um tanto para trás, segundo um dos princípios de Mrs. Watts. Consiste este princípio em não andar sobre os calcanhares, mas sim pousando primeiramente a ponta do pé (como nós aconselhámos noutra palestra), e depois, ao de leve, o calcanhar. Daí advém (ora experimentai-o) um modo de andar quasi dançante, de incomparável doaire. E já o adoptar-se tal maneira de andar, por si só consegue tornar tanto mais leve o peso do corpo que a elegância, a graça, veem surgindo. E nós, ao apercebermo-nos do despertar dessa graça, começamos de apaixonar-nos pelo sistema seguido, na ânsia de conquistarmos toda a Beleza.

Subiremos, pois, uma escada, seguindo a regra que corresponde ao andar, isto é: sem nunca inclinar o busto para a frente, e pousando o bico do pé na borda do degrau, a fim de tomar o impulso que nos há de alevantar até ao degrau seguinte.

Reparai, minhas amigas, numa mulher subindo desta maneira a escadaria do palácio de Queluz — por exemplo — e dizei-me, depois, se não haverá aí antes um alevantar de voo do que a prosa vulgar da marcha...

Acaso desejais apanhar do chão o vosso lenço caído? O busto sempre direito, a cabeça alta, flectindo o tronco sobre as pernas como se procurásseis imitar o dobramento dum harmonio, inclinaí-vos desta maneira até apanhar do chão o objecto caído, e erguei-vos rapidamente, num movimento elástico, diria quasi de mola. Este exercício é duma elegância tal, que sómente executando-o podereis fazer ideia do efeito alcançado. Aconselho-vos, leitoras, a que desde já comeceis a praticá-lo. Declarou-nos a Condessa de Vallombrosa que só depois de ter escrupulosamente seguido, dia a dia, estes dois exercícios, se sentiu flexível e leve de corpo.

Em Roma, capital onde Mrs. Watts deixou as mais fiéis discípulas, as senhoras da alta sociedade praticam, todas as manhãs, os exercícios do seu sistema, com fervor e perseverança de crentes.

Todas declaram dar-se esplendidamente com o tratamento seguido.

A Condessa Greffulhe, cujo donaire e silhueta constituíam uma sinfonia viva, seguiu com escrupulosa regularidade os exercícios prescritos por Mrs. Watts.

Muito ainda tenho que vos dizer, leitoras minhas, sobre Graça, Elegância e Beleza, mas... o espaço é pouco. Fica, pois, o resto da nossa conversa para outra vez, — e crêde que vos haveis de dar bem com os conselhos da vossa amiga.

MARIA TEREZA.

DO LAR:

ARTE APLICADA

AS CONCHAS DAS NOSSAS PRAIAS

É sempre com verdadeiro prazer que a mulher bem mulher gosta de enfeitar a sua casa. A Moda, na sua ânsia de variar, trazendo-nos constantes novidades, lembrou-se de tocar de mais fantasia essas diversas maneiras de ornamentar os vossos lares. Nos jarros artísticos, mais ou menos preciosos, dispõem-se as flores — e as flores naturais serão sempre as preferidas, por sempre serem as mais belas. Mas... é na estação invernal, quando as flores rareiam e se vendem caro, que havemos nós de fazer? Ter sempre flores frescas — sai demasiado caro; por outro lado deixar vazios os jarros da nossa sala — é triste, dá um ar desolado ao ambiente. Que havemos de fazer então?

Para estes casos é que nos valeremos das flores artificiais. E há tantos e tão variados modos de as fazer! Nesta secção terá *Voga* o prazer de ensinar as suas queridas leitoras os diversos e melhores processos de fazer flores artificiais.

Há-as de miolo de pão, de lã, de seda, veludo ou setim, há-as de papel — que sei eu! Mas agora, nesta quadra em que, de volta das praias vós trouxestes, amigas minhas — como lembrança do mar e da areia de ouro — mil conchinhas, vieiros anacarados, «pentes» e tantas outras variadas conchas, porque não havemos nós de as aproveitar para enfeite das nossas saletas?

Ora quereis saber, leitoras gentis, como se pode fazer, com umas conchinhas irmanadas, um lindo ramalhete de hortensias? Escutai:

Cada flor de hortensia é composta de quatro conchinhas escolhidas entre as mais chatas.

Juntam-se umas às outras por um leve fio de cobre que se enfia nos dois buracinhos previamente feitos, um em cada concha. As quatro pétalas são dispostas em volta de uma pequena conta cor de rosa, azul, ou cor de ouro para o centro. Apertam-se então os fios de arame e recobrem-se com algodão *perlé* azul, rosa ou ouro, conforme a cor que se escolheu para as hortensias.

As flores serão primeiramente agrupadas às duas e três; em seguida, esses grupos reunem-se num só ramalhete de doze a quinze flores, que se montam num pé de arame mais forte, o qual se recobre com algodão *perlé* de cor verde. Imita-se assim perfeitamente as bolas tão decorativas da hortensia.

As folhas são assás difíceis de executar, dado o seu tamanho. Podem-se talhar num pedaço de pano rijo, e em seguida pintá-las a ripolin; ou então executá-las em seda verde, bordá-las e tendo no contorno ponto de recorte, colocando no meio um arame que lhes dê um certo armado, de forma a prendê-las à haste.

As flores são pintadas a aguarela, em rosa, azul pálido ou lilás.

E eis aqui um trabalho de que gostaram nossos avós, e que a Moda pôs de novo em voga.

Brevemente as nossas queridas assinantes e leitoras encontrarão aqui grandes e interessantíssimas novidades. *Voga* vai desenvolver e aperfeiçoar de forma única em Portugal a sua Secção de Arte Aplicada, assim como a secção de Bordados. Grandes surpresas, pois, vos promete *Voga*. E quando *Voga* promete — nunca falta!



UMA NOVIDADE

Fugindo ao nosso velho hábito — e a variedade deleita — de dar nesta secção um menú completo, vamos, agora, ensinar-lhes, gentis ménagères, algumas confecções culinárias muito interessantes e de verdadeira utilidade. São manjares que ficam bem em vários menús subtis e delicados, menús para cuja composição chega e sobra a vossa arte e o vosso bom gosto, leitoras adoráveis da *Voga*.

GALANTINE DE GALINHA

Escolhe-se uma galinha muito grande e gorda, limpa-se e dá-se-lhe um golpe pelo meio das costas. Com a ajuda duma faca que seja fina, vai-se despegando toda a carne dos ossos, havendo cuidado em não rasgar a pele; depois de bem desossada cortam-se as azas e as pernas, cosendo bem a pele nestes sitios para que fique bem lisa. Tira-se toda a carne da pele, pondo-se esta bem estendida para se recheiar. O peito da galinha corta-se em quadradinhos, assim como 100 gramas de toucinho e 60 gramas de presunto ou fiambre; põe-se isto a marinar num pouco de cognac, juntando-lhe 50 gramas de trufas partidas pequeninas. Salteiam-se em manteiga 500 gramas de figado de vitela sem deixar tomar cor; passam-se na máquina o figado, a carne da galinha, 200 gramas de vitela, 200 gramas de carne de porco e 200 gramas de toucinho. Juntam-se a este picado 3 ovos, sal, pimenta e 1 decilitro de cognac. Passa-se tudo pela peneira. Põe-se uma camada desse picado sobre a pele da galinha, sobre este, o peito, presunto, toucinho e trufas, tudo separado e arranjado, outra vez picado, peito, presunto, toucinho e trufas e assim sucessivamente, devendo acabar por uma camada de picado. Juntam-se as extremidades da pele e cosem-se. Envolva-se em seguida a galantine em fatias muito finas de toucinho e enrola-se num guardanapo, atando-o muito bem, sobretudo nas duas pontas. Cose-se a galantine numa agua temperada com os ossos da galinha, ossos de carne, 2 cebolas, 2 cenouras, 1 ramo de cheiros, sal e 5 grãos de pimenta. Deve ferver a lume lento. Devem contar-se 35 minutos de cosedura para cada quilo de galantine. Quando a galantine estiver cozida, escorre-se. Tira-se-lhe o guardanapo e embrulha-se noutra, limpo, atando-o muito bem. Põe-se numa travessa e coloca-se sobre ela um taboleiro de folha com uns pesos em cima, para tomar a forma. No dia seguinte tiram-se-lhe os pesos, desata-se e cobre-se com uma camada de aspic, que deve ser deitado pouco quente para aderir á pele. Serve-se sobre um rectângulo de pão dourado e frito, e guarnece-se com aspic picado e cortado em triângulos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DOCES E COSINHADOS

Receitas escolhidas

por ISALITA

Um volume encadernado com 351 paginas

Escudos 25\$00

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



A mulher japonesa é um modelo de virtudes ancestrais, de conservantismo na moda. Sem perder nada da sua feminilidade, as pequeninas, doces e silenciosas filhas de «*Madame Chrysanthème*» conservam ainda e sempre a beleza deliciosa dos seus trajos cheios de opulência, de cor, de pitoresco e de encanto. Nas suas alminhas ingénuas florescem em toda a opulência ilusões tão douradas como os bosques anões que decoram as azas do seu kimono

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

Ayuntamiento de Madrid

DEPOSITO RUA IVENS, 30

ANTIGAMENTE, quando o homem ainda não tinha poder sobre os animais, todos eles viviam juntos muito felizes.

Nem mesmo os animais ferozes se guerreavam, e se se devoravam uns aos outros, faziam-no duma forma tão ordeira que em nada transtornava a boa paz e harmonia do seu viver.

Mas com o correr do tempo, apareceu o terrível Mestre Leão, que com a sua brutalidade e orgulho se desaveio logo com os outros animais, maltratando-os para lhes mostrar bem até onde chegava a sua força.

Não contente com isto, proclamou-se *Rei dos Animais* e, como tal, desatou a matar os outros

O PAPÃO DA FLORESTA

CONTO DE VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ILUSTRAÇÕES DE VASCO LOPES DE MENDONÇA



bichos a torto e a direito. Depois fez o Lobo seu ajudante. Este tinha-se tornado amigo do Leão, porque lhe lisonjeava a vaidade para conseguir boa comida sem grande trabalho.

Todos os animais tinham ordem de ficar de



pé, nas patas trazeiras, quando avistassem ao longe Mestre Leão, e assim se conservavam até Ele desaparecer.

Por fim, fez uma lei para que os outros animais lhe fôsem levar todos os dias, cada um por sua vez, uma porção de carne já preparada para a sua ceia.

Era o Lobo o pregoeiro desta lei. Trazia sempre uma grande buzina e ia pelo bosque anunciando à Bicharia as ordens do seu Amo.

Os animais andavam tão furiosos com o procedimento de Mestre Leão que nem dormir podiam, sempre com medo das ordens que viriam arreliar-lhes a vida no dia seguinte, mas não tinham coragem de resistir, porque o Leão era forte e bruto, e se algum refilasse sabia bem a sorte que o esperava.

Assim, o *Rei dos Animais* cada vez se ia tornando mais orgulhoso, e agora a única coisa que fazia, era dar ordens aos seus súditos, e viver vida regalada sem cuidados nem inquietações.

Os pobres Bichos não sabiam como evitar tanto desafôro, e sentiam-se muito infelizes sob o despotismo de Mestre Leão.

Na floresta havia uma família de Coelho, que viviam na sua toca, muito felizes da sua vida.

Um dia, quando o Pai Coelho estava socega-



viu o Lobo que vinha ao seu encontro soprando na trombeta.

«Olá, camarada, que tal vai a saúde?» indagou Ele depois de resfolegar muito cansado.

«Vai-se vivendo, amigo!» respondeu o Coelho abanando as orelhas.

«Já ouviste as ordens do Nosso Rei e Senhor?» perguntou o Lobo arreganhando a dentuça.

«Que ordens são Mestre Lobo?» perguntou o Coelho com a maior ingenuidade.

«Esta tarde chegou a tua vez! Serás tu que

hás-de levar a posta de carne para a ceia de Sua Majestade» disse o Lobo com uma carantonha cada vez mais terrível. «E caso não o faças, venho prevenir-te que Mestre Leão dará cabo de ti e da tua numerosa família. Vocês

são Bichos tão pequenos que mal lhe chegam para a cova dum dente, e para lhe satisfazer a fome só engulindo toda a tua ninhada Ele ficará contente. Trata de te apressar em cumprir estas ordens, ouviste?»

«Está muito bem, fico sciente, e lá aparecerei esta tarde em casa de Mestre Leão». E o Coelho, dando ao rabinho, começou tranquilamente a regar a sua horta.

O Lobo, admirado de tanta indiferença, pôs a buzina a tiracolo, e encaminhou-se para casa, resmungando:

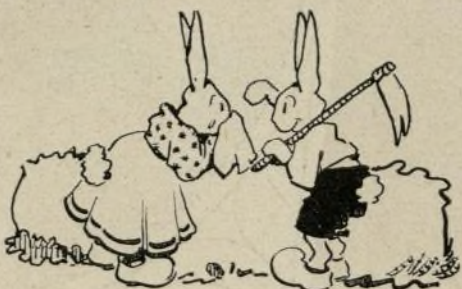
«Como irá este reles Coelho arranjar uma posta de carne que encha a barriga do Leão e a minha, porque os restos sou eu quem os aproveito para meu sustento. O tal senhor Coelho, com o seu ar de esperto, há-de ver-se bem aflito para sair desta rascada.»

O Coelho, êsse, continuava na sua faina de regar a horta, e, como se nada de anormal houvesse na sua vida, ia cantando alegremente:

Ai lá! Coelhoinho!
Como é regalada
A vida que passas
Co'a tua ninhada!

Ai lá! Não te importes
Com Mestre Leão,
Quem fôr espertinho
Não teme o papão.

Assim que o Lobo se afastou por entre as árvores da floresta, de dentro da toca surgiu a Dona Coelhoa muito chorosa, com a ninhada à roda de si, também num vale de lágrimas.



«Que lhes aconteceu?» perguntou o Pai Coelho.

«O que há-de ser?» exclamou a desolada Coelhoa e os seus meninos, falando todos ao mesmo tempo. «Nós ouvimos o que disse o Lobo. Que grande desgraça nos vai suceder! Como havemos de escapar às garras do terrível Leão? Ai! Ai! Ai!» gemia inconsolável a senhora Dona Coelhoa, e toda a família gritava, chorando amargamente a sua triste sorte.

«Não se aflijam dessa maneira, que se me corta o coração» disse o Coelho Pai. «Podem ficar descaçados, que Mestre Leão não meterá dente nas nossas tenras carinhas.»

«Que pensas tu fazer para nos livrar de tamanha desgraça?» perguntou a senhora Coelhoa enxugando as lágrimas às delicadas patinhas.

«Isso agora é comigo! Trata de me arranjar água para eu lavar o focinho e penteia-me os bigodes, porque eu quero aparecer bem posto em casa de Mestre Leão.»

Acabada a toilette, o Coelhoinho, muito lépido, pôs-se a caminho, com a bengala debaixo do braço. Ia andando e cantarolando a sua canção predilecta:

Ai lá! Coelhoinho!
Como é regalada
A vida que passas
Co'a tua ninhada.

Ai lá! Não te importes
Com Mestre Leão,
Quem fôr espertinho
Não teme o papão.

Os outros animais que o viam, obrigavam-no a parar, muito admirados da satisfação com que Ele passeava àquela hora na floresta.

O Urso, a Toupeira e o Veado, que eram seus amigos, queriam saber onde é que Ele ia assim tão elegante.

«Vou meter na ordem Mestre Leão! Pelo que ouvi dizer ao Lobo Ele não deve estar bem de cabeça, o pobre Bicho.»

«O Coelhoinho, não vás ter com o Leão, olha que vais ser comido!» diziam os outros abandonando tristemente a cabeça. «Tu não vês que és tão pequenino e que não podes lutar com o *Rei dos Animais*?»

Mas o Coelhoinho, muito importante, retorceu os bigodes e continuou o seu caminho.

Como ia anoiecendo, com medo de não chegar a horas a casa do Leão, desatou num galope desenfreado, levantando nuvens de pó á sua passagem.

Quando chegou perto, logo lhe ouviu os rugidos que pareciam trovões, e faziam tremer as árvores da floresta.

O terrível animal estava impaciente, porque já eram horas da ceia, e furioso batia com a cauda dum lado para o outro, dando medonhos rugidos.

Assim que avistou o Coelhoinho roncou com estrondo:

«Olá, camarada! Que queres isto dizer? Então tu fazes-me esperar pela minha ceia? Deixa estar que eu já te arranjo. Sei uma boa maneira de te engulir a cabeça em meio minuto!» e terrível avançava com os dentes arreganhados.



O Lobo, vendo o caso mal parado, tratou de se escapar, esgueirando-se cobardemente dali para fora, enquanto o Coelho, muito senhor de si, respondia:

«O Mestre Leão, não é minha a culpa. Eu trazia para a vossa ceia uma porção de carne esplêndida. Tanto eu como a Dona Coelhoa, minha senhora, nos tínhamos apurado a preparar o melhor bocado para o nosso Rei, mas no meio do caminho fui assaltado por um enorme Leão que surdiu de repente ao meu encontro. Eu bem lhe expliquei que o meu farnel era para Vossa Majestade, mas o atrevido respondeu-me que não havia no bosque outro Rei senão Ele, e que lho viesse dizer. Depois saltou sobre a carne e roubou-na sem me dar tempo a que eu fugisse com ela. Eu estava pasmado de tanta audácia!»

O Leão, ao ouvir isto, parecia doido de raiva, com os olhos a rebelarem dentro das órbitas e a cauda às chicotadas dum lado para o outro.

«Quem é êsse grande atrevido que dentro dos meus domínios ousa assim atacar os meus súditos e roubar a carne que me é destinada? Compadre Coelho, sabes onde é o esconderijo dêsse traidor?»

«Saiba Vossa Majestade que sim» respondeu

muito pronto o Coelhoinho. «Eu posso mostrar-lhe o sítio onde Ele mora.»

«Nesse caso vamos lá. Hei-de fazê-lo em bocados e hei-de comê-lo antes que Ele tenha tempo de dar um ai!»

«Foi isso exactamente o que eu lhe respondi, Real Senhor» respondeu o Coelhoinho.

Foram andando os dois pela floresta fora, o Coelhoinho muito lépido, torcendo os bigodes, Mestre Leão todo majestoso, com a sua cauda a varrer o caminho.



Num sítio onde havia um poço de água tão límpida como um espelho, o Coelho parou e disse:

«Mestre Leão, o vosso inimigo vive aqui neste buraco. Como eu sou pequenino, tenho medo de me aproximar, mas se Vossa Majestade olhar lá para baixo, com certeza pode saltar sobre Ele. O que é preciso é ter muito cuidado, não vá Ele vê-lo primeiro e atacá-lo sem Vossa Majestade estar prevenido.

O Leão foi logo olhar para dentro do poço, e o Coelhoinho tratou de se esgueirar para trás dele.

Assim que o Leão se debruçou sobre a água, logo se viu reflectido nela.

«Olá! Olá! Cá estás tu!» berrou Ele mostrando a dentuça, e o Leão em baixo fazia também a mesma carantonha.

«Vou, mas é fazer-te em migalhas!» rugiu cada vez mais furioso o Leão, alçando uma pata ameaçadora, enquanto em baixo, na água, o Leão levantava também a sua pata.

No auge da fúria, o tango do Mestre Leão não teve mão em si e saltou sobre o outro que na água fazia também menção de arremeter.

Assim que caiu dentro do poço e percebeu que tinha sido enganado, os seus rugidos metiam medo, mas como o poço era muito fundo, por mais esforços que fizesse, a água enguliu-o e morreu afogado.

O Coelhoinho, radiante, voltou para a sua casa, cantando alegremente:

Ai lá! Bicharia,
Descança e mais eu
Papão foi-se embora,
Leão já morreu.

Ai lá! Coelhoinho!
Fizeste um vistão,
Por seres espertinho
Venceste o Leão.

Ai lá! Rei Leão,
Passaste a sandeu,
Foi na água do poço
Um ar que te deu.



JUSTIÇA DIVINA

CERTO somítico bateu, já passado à outra vida, à porta formidável do reino dos céus. São Pedro recusou-lhe a entrada, mas o avaro tal berreiro fez que o próprio Padre Eterno acudiu a resolver o conflicto.

O pretendente, ao topar com o Venerando Senhor dos Céus tratou de acumular, precipitadamente, os mais formidáveis argumentos tendentes a comprovar a sua bondade, gritando:

— Senhor, eu há vinte e cinco anos socorri um cego com um vintem!!

— Pai do Céu, lembra-te de que eu, há-de

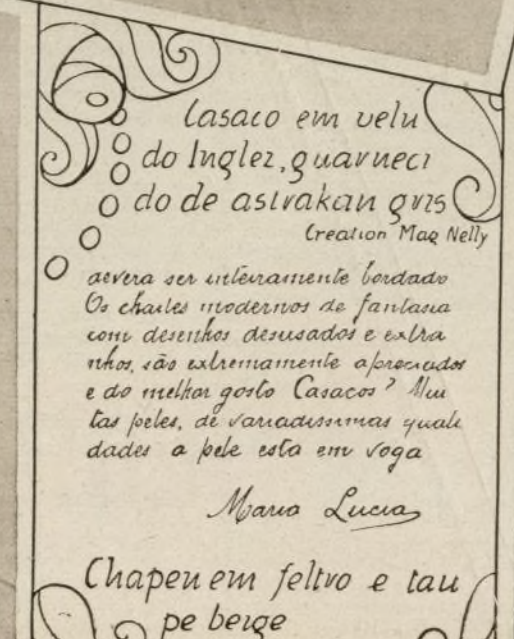
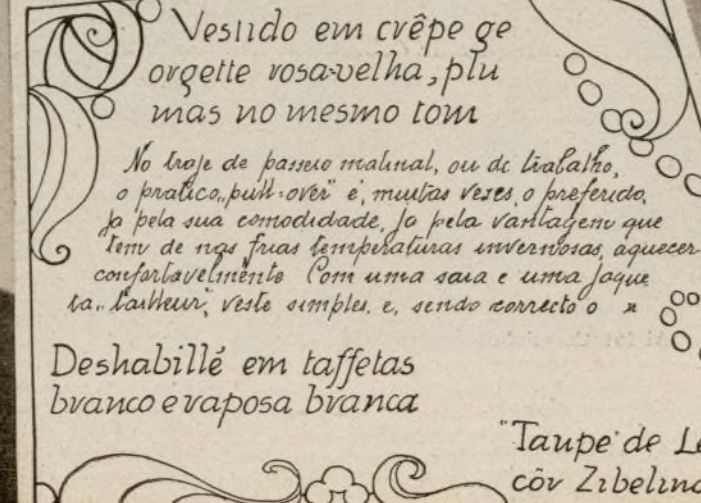
haver uns quinze anos dei mais outro vintem a um paralítico!!

— Oh Supremo Ente!... Não te esqueças de que ainda uma semana antes de morrer dei mais dez réis a um orfãozinho!!...

E esgotada a lista das suas benemerencias, calou-se, arquejante, esperando a sentença.

Então o Padre Eterno, na sua infinita sabedoria e na sua infinita bondade, sentenciou lhanamente:

— São Pedro, dá lá o meio tostão a este maroto e põe-no na rua!...





Uma fantasia das «catarinetas» em pleno «boulevard»

O QUE VAI LÁ POR FORA

AS «CATARINETAS»

A MÃO DA NOIVA

A leitora sabe o que são as «Catarinetas»? A vossa perspicácia, que nem sempre os homens sabem reconhecer, compreenderá bem a graça daquele termo, se vos lembrar que as «Catarinetas» são aquelas raparigas que, em França, aos 25 anos, vão (segundo a expressão francesa) pentear Santa Catarina.

As alegres «Catarinetas» não se resignam a ficar toda a vida tocando a Santa, e é assim que há em França uma festa nacional, em que os rapazes admiram a graça e a juventude das raparigas que não encontraram noivo... até aos 25 anos.

É uma festa interessantíssima, esta festa das «Catarinetas». É o dia das *midinettes*, das modistas, das costureiras, das floristas, que debandam dos *ateliers* em grande e alegre cortejo, percorrendo os *boulevards* com a clássica touca de rendas e de papel.

Tôda esta alegria, tôda esta massa colorida e elegante de raparigas, oferece o aspecto adorável de colegiais em férias. Saltam, pulam, dançam, numa simpática festa ao... príncipe encantado que tardou em aparecer.

É muito provável que a *Voga*, que não é só lida por mulheres, alcance despertar em muitos jovens portugueses esta exclamação, ao encaramos com a fotografia do cortejo das «Catarinetas»:

— Toucar Santa Catarina... Que injustiça do destino!...

VIVEMOS numa época nitidamente positivista. Antigamente, um enamorado quando anunciava o seu desejo de casamento, usava pedir a mão de sua noiva.

A prometida, para selar este pacto de união, oferecia ao noivo um anel. Com a recente e extravagante moda que está sendo cumprida em Inglaterra, o pedido da mão da noiva já não é simplesmente uma petição simbólica. O noivo pede a mão à sua prometida e esta dá-lha, completamente, a ponto de ele a poder levar para casa.

Assim, com o recente uso em Londres, um noivo apaixonado pode, no auge do seu entusiasmo, mostrar e dizer a seus pais:

— Eis aqui a mão da minha noiva... Admirem.

É bom acrescentar que esta mão, gentilmente oferecida, é um molde em gesso, que leva também gravado o tradicional anel.

Eis a Moda...

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

Os bons livros

AUTORES PORTUGUESES

ARTE DO CANTO

EMA ROMERO SANTOS FONSECA

É um livro de grande utilidade para todos que cultivam, ou se interessam pela sublime arte do canto.

A sua autora, uma ilustre senhora que tem dedicado o melhor da sua vida à Arte em que é exímia, promovendo concertos e trabalhando incessantemente pela divulgação, entre nós, da música dos diversos países, reuniu neste volume ensinamentos e conselhos que muito devem aproveitar aos artistas, amadores e professores de canto.

Todos aqueles que teem voz e se preocupam com a sua educação, encontrarão na *Arte do Canto* as indispensáveis noções de fisiologia e anatomia dos órgãos vocais, indispensáveis ao conhecimento perfeito da mecânica do som, assim como regras de canto e observações que a sua autora traduziu e compilou das mais notáveis obras estrangeiras, juntando-lhes outras de grande interesse, que ela própria colheu no seu aturado estudo, e expõe com grande inteligência e clareza.

✻ ✻

Há muito que a falta deste livro se fazia sentir, e a sua publicação representa, sem dúvida alguma, mais um serviço que o meio artístico musical português, tão pobre de iniciativas e empreendimentos nobres, fica devendo à sr.^a D. Ema Romero Santos Fonseca.

Edição muito cuidada, com gravuras elucidativas e um belo retrato da autora.

SEM ARTE

ARTUR DA SILVA GUTMARRÊS

Mais um poeta que aparece a juntar-se à pleiade numerosíssima dos que, entre nós, cultivam as musas.

Estreia feliz, em que há versos bem feitos, ideias originais e certa variante na medida e na forma a atestar as reais qualidades do seu autor.

Tema exclusivo: o Amor.

É pena que a maioria dos poetas não se afaste dos assuntos do coração, quando há no Universo tanta coisa linda, grandiosa ou simples, tanto sentimento elevado e belo para cantar!

✻ ✻



Um grupo de lindas «catarinetas»

MENTIR...

MEU Deus, que chuva... Olha, Josefa, abre o trinco para a porta da rua ficar encostada... O senhor deve chegar encharcado...

A criada foi à hombra do corredor premir o botão eléctrico, ficou um instante a ouvir o tamborilar da chuva grossa nos vidros da claraboia e voltou à saleta, trançada de frio, acanhando o chale.

— Ai, minha senhora, a chuva deve ser gelo... É o sr. Carlos que não levou chapéu de chuva...

— Tens a certeza, Josefa? Ele não levou chapéu?

— Tenho sim, minha senhora, o chapéu está ali no bengaleiro...

O serão continuou em silêncio.

A espaços o ruído da «Singer» parava, Maria Emília voltava à costura e de novo pedalava velozmente.

No quadrante do relógio os ponteiros deslizavam a caminho da uma hora. Maria Emília levantou os olhos da costura, cession de coser e pôs-se de novo a escutar, olhando a janela. A chuva caía sempre, fustigando os vidros num arremesso de fúria contínua.

— Meu Deus, como virá ele!... Malditos serões! Olha, Josefa, é quasi uma; vai descançar que eu faço o chá... Vê se os meninos dormem...

A rapariga deu boas noites.

Maria Emília ficou à janela a espreitar a invernia. O prédio, de esquina, deixava espiar parte da rua. Era daí que ele devia assomar. Por duas vezes em meia hora Maria Emília voltou a abrir o trinco. Não tivesse entrado alguém e fechado a porta.

Fôra a chuva caía mais áspera. Era um dilúvio. A rua deserta, nem um polícia, nem um gato. Cá acima, ao terceiro andar que eles habitavam, chegava o gorgolejar da regueira a sumir o caudal na sargenteira.

Maria Emília, ansiosa, fitava o último ponto visível da rua. Ninguém.

— Meu Deus, onde estará ele recolhido?

Um leve bater na porta fê-la correr. Era o marido.

— Que noite, meu filho! Tira o casaco, deves estar encharcado.

— Se te parece!... Da Baixa até aqui...

Carlos despiu o sobretudo que Maria Emília levou para dentro, para o sacudir e enxugar com uma toalha.

Com espanto notou que a fazenda não vinha molhada como era de esperar, uns pingos soltos nos ombros como se o marido só tivesse apinhado chuva no curto espaço de descer dum auto e atravessar o passeio. Admirou-se.

Estendeu o sobretudo nas costas duma cadeira e veio pelo chapéu, que ficara no cabide da entrada.

O mesmo fenómeno: o chapéu estava quasi enxuto.

— Veiu de taxi, pensou.

...Mas não, ela teria ouvido o ruído do carro. Estava bem acordada, cheia de cuidados. Não era possível não ter sentido nada.

Maria Emília, quando voltou à casa de trabalho, ia pensativa. Uma suspeita muito leve escurecera-lhe a alma. Carlos não viera da Baixa. A ter galgado a rua da Estrêla, desde o terminus da linha, até casa, a meio da rua de S. Luís, devia trazer o fato a escorrer água. Onde tinha ele passado a noite, aquelas quatro horas de ausência?

Felinamente pensou desvendar o mistério e foi com a voz mais tranquila deste mundo que disse ao marido:

— Olha, Carlos, quanto levon o taxi da Baixa até aqui?

— Não sei, filha, vim no electrico...

— Vieste de electrico com uma noite destas? Que tolice!

— Bem vês que o taxi sempre custaria uns seis mil réis e assim já cá estou, não morri e gastei sete tostões... Não achas que fiz bem?

Maria Emília fez um esforço para lhe dizer — «Fizeste...» Calou-se uns minutos.

Carlos lia o «Diário de Lisboa». Depois, não podendo sopear a revolta que lhe ia no espírito, encarou o marido e perguntou-lhe à queimadura, fitando-o nas pupilas:

— Tu vieste do escritório, Carlos?

— Onde querias tu que eu viesse? Não sabes que temos os serões do fim do ano?

— Podias vir de outro lado qualquer...

— Não, menina, tu sabes perfeitamente que só para trabalhar deixo a tua companhia.

— Agradecia-te, Carlos, se não estivesse a mentir.

— Mentir? Mas tu endoideceste, Maria Emília?

— Não endoideci. Prouvera a Deus que eu não estivesse no meu juízo... Digo que não vieste da Baixa no electrico porque o sei...

Carlos, muito meigo, pegou-lhe na mão a dizer-lhe:

— Não sejas tonta, Maria Emília, é então assim que tu interpretas o meu esforço? Bem sabes que só por mim não tinha paciência para serões.

— Neste caso preferia que não te esforçasses tanto...

É mais ironicamente ainda, Maria Emília acrescentou:

— Na verdade eu devia apreciar melhor o teu sacrificio... Vieste tão depressa para ao pé de mim que nem a chuva te molhou... Poupan-te, comovida com tanto amor...

Carlos ficou sucumbido. Esquecera-se de enxugar o fato antes de entrar em casa.

Ensaçou um gesto violento para pôr termo à discussão. Faltou-lhe, porém, a força moral para

o levar a efeito e saiu do aposento atirando a porta a fingir um grande despeito.

Maria Emília recolheu-se em si mesma, num silêncio trágico.

Donde teria vindo Carlos? A interrogação queimava-a. Donde? Donde?

De muito próximo, com certeza; duma distância de poucos metros.

Mas donde? Donde?

Um salto brusco ergueu-a da cadeira onde se sentara.

Fôra um relâmpago. Um traço de memória alumando um cérebro numa punhalada, num clarão revelador. Sem querer saiu-lhe dos lábios um nome:

— Clara!

Deixou-se cair de novo na cadeira e chorou. Os soluços sacudiam-na violentamente, torciam-lhe os músculos numa convulsão rápida, depois o busto amarfanhava-se-lhe; os braços pendiam como num desmaio. A amargura infinita das situações sem remédio subia-lhe do peito aos olhos cerrando-lhe a garganta, tomando-lhe o ar, alargando-lhe as órbitas dos olhos.

Carlos, de mansinho, veio espreitá-la. Contemplou-a demoradamente. Ela não o sentiu, não o adivinhou. Aquela dor enorme tomara posse de todas as suas faculdades, inutilizando-as para tudo que não fôsse chorar, sofrer, desesperar-se!

Carlos aproximou-se:

— Que tens tu, Maria Emília?

— Tenho dois filhos...

E depois em voz mais cava:

— Dois filhos que vão... ficar sem mãe...

— Endoideceste Maria Emília?

— Não... Dize, depois, a Clara que os trate bem. E tu olha por eles.

...Na quinta-feira seguinte enterraram-na e o Carlos nunca soube o que ela teria bebido.

Na certidão, o médico escreveu: *Congestão pulmonar.*

FRANCISCA DE AYRE.

UMA LINDA ARTISTA



Olga, a actriz-cantora e dançarina, directora da Companhia de Revuettes e Zarzuelas «Arte Moderna», que actualmente se exhibe no Teatro Salão Foz

INCONFIDÊNCIAS

Vossas Excelências conhecem, por certo, uma peça de Bernard Shaw, «Fanny's first play», 1.º prólogo, 3 actos e 1 epílogo...

...Um pretexto que Shaw encontrou para zurrir a alta sociedade londrina pelo mau vazo que tem de representar a toda a hora obras sérias, embora com fins humanitários.

O prólogo é a apresentação das senhoras que se decidem a interpretar a primeira peça da sua amiguinha Fanny, e o epílogo é a crítica à peça, feita pelas mesmas personagens que entram no prólogo. Ora a peçazinha está no meio, com os seus 3 actos perfeitos, destacados. Shaw limitou-se a abrir e a fechar a cortina à obra, com as suas casquinadas irreverentes mas justas.

Salvo melhor parecer, aqui está uma peça que devia ser representada em todas as capitais.

Vem a propósito contar um facto passado com o grande crítico e dramaturgo brasileiro Oscar Guanabarro.

Lembraram-se umas senhoras, no Rio de Janeiro, de lhe representar uma peça, em benefício de uma Maternidade qualquer. Foram ter com Guanabarro, e, apresentada a ideia, pediram-lhe que lhes ensaiasse a peça. O autor agradeceu e foi ao primeiro ensaio. Não faltava ninguém. Guanabarro, que levava a comédia marcada, começou a indicar as cenas. Mas as senhoras e os mancebos estavam muito «atacados», não se mexiam, não articulavam, não «ameaçavam» nada, nada...

Oscar Guanabarro começou a ficar nervoso, e perguntou a uma das senhoras:

— Já representou alguma vez?

— Eu não, senhor Guanabarro.

Dafá a pouco, fez a mesma pergunta a outra senhora...

— Eu, também é a primeira vez que piso o palco.

A todos, fez Guanabarro idêntica pergunta...

Em resumo: Ninguém entrara ainda em cena!

Com o melhor dos sorrisos, Guanabarro fechou a peça, e, após uma longa pausa:

— Tenho uma ideia: Em lugar de um espectáculo, as senhoras podiam organizar um concerto...

— É verdade! — opinaram algumas alvoroçadas.

— Faz-se já aqui o programa... Começamos pela «5.ª Sinfonia de Beethoven». E vamos já distribuir as partes... A senhora senta-se ao piano — e apontava para a promotora da festa.

Aquelas duas senhoras que estão lá atrás, fazem de primeiros violinos. Esta menina toca violoncelo... Essa outra...

La proseguir, mas interromperam-n'o em altos brados:

— Não pode ser! Não pode ser, sr. Guanabarro: Eu não sei música! Eu também não! Eu nunca toquei na minha vida! Deus me livre!

— Mas as senhoras também nunca representaram, e, no entanto, queriam fazer a minha comédia... Pois a dificuldade é a mesma!

E as senhoras pasmadas viram o Guanabarro pôr o chapéu na cabeça e abalar com a sua rica peça debaixo do braço.

OS MAIS LINDOS OLHOS DA SCENA PORTUGUESA

QUEM OS POSSUE?

Apuração dos votos recebidos até à hora da Voga entrar na máquina:

Palmira Bastos	6840 votos
Laura Costa	6735 »
Lucília Simões	6730 »
Aldina de Sousa	5901 »
Ilda Stichini	5666 »
Hortense Luz	5325 »
Auzenda de Oliveira	5102 »
Leonor de Eça	5004 »
Alice Ogando	4483 »
Elisa de Guizette	3926 »
Maria Isabel	2555 »
Beatriz de Almeida	2090 »
Rosalina Sayal	1774 »
Adelina Campos	1680 »
Adelina Fernandes	1567 »
Branca Riquetti	1369 »
Margarida Ferreira	1008 »
Maria Alvarez	1007 »
Josefina Silva	948 »
Filomena Lima	877 »
Maria Clementina	861 »
Deolinda de Macedo	833 »

Maria Elena	820 votos
Elisa Santos	726 »
Brunilde Jádice	700 »
Carminha Pereira	674 »
Ester Leão	580 »
Mari Laura	578 »
Zulmira Vargas	522 »
Emília de Oliveira	514 »
Berta de Bivar	277 »
Celeste Leitão	235 »
Maria Matos	104 »

VOGA ENCERRARÁ NO SEU PRÓXIMO NÚMERO, ESTE ORIGINAL CONCURSO

Para maior facilidade de verificação, pedimos às nossas Ex.ªs leitoras o favor de enviarem os seus votos, utilizando-se do nosso *Coupon*, e de conformidade com o endereço que se segue:

Concurso dos Olhos

“VOGA”

Rua Anchieta, 25 — Lisboa

COUPON

Os mais lindos olhos da Scena Portuguesa são os da actriz:

(Assignatura)

EM VOZ ALTA

Os três principais factores dos últimos desastres financeiros da indústria teatral, são, a meu ver, os seguintes:

Peças falhas de interesse, desempenhadas por elencos caros e deficientes, em teatros carregados de percentagens e cativos. No dia em que os autores fôrem cuidadosos nas suas produções, os artistas parcimoniosos nos seus ordenados e os proprietários de teatros, razoáveis nas suas condições, a chamada crise teatral desaparece como por encanto.

Rosa Matheus.

UM NOVO MANUAL

PARODIANDO o «Manual do Freqüentador de Cinema», inserto há pouco tempo numa revista da especialidade, lembrou-se um assíduo habitué das *premières* de fixar alguns mandamentos do «Perfeito espectador», para uso em todos os teatros, desde S. Carlos ao Maria Vitória:

- 1.º — Toma o teu lugar espectacularmente.
- 2.º — Dirige-te em voz alta aos parceiros da direita e da esquerda, a perguntar a que horas começará a representação.
- 3.º — Não deixes de tossir e de te assoar a miúdo, e, ruidosamente, para que todos dêem pela tua presença.
- 4.º — Socorre os teus vizinhos, antes da representação, elucidando-os sobre a peça, sobre a montagem, sobre os artistas que tomam parte.
- 5.º — Dize que és íntimo das «estrelas» para eles te olharem com respeito e invejarem a tua enorme influência.
- 6.º — Não aplaudas, mesmo quando tenhas vontade de o fazer, porque formarão um juízo muito mau da tua sensibilidade artística.
- 7.º — No fim do 1.º acto, estabelece de maneira peremptória que o autor foi infeliz e que o tradutor é parvo.

O TEATRO NA COCHINCHINA

GENERALISOU-SE em teatro a cómoda designação de *teatrada* para todos aquelas partidinhas que passam da marca. A *teatrada* merece a indulgência de toda a gente, dos lesados, inclusive.

Fora do Teatro, a brincadeira mais ou menos inocente que, entre bastidores, se baptiza com o poético nome de *teatrada*, não faz sorrir ninguém, pela simples razão de que não tem graça nenhuma. Mas no Teatro é sempre muito interessante.

Empresário que fica a dever a toda a companhia... faz a sua *teatrada*.

Tradução empalmada por um conspícuo cultor das letras é uma *teatrada* com pilhas de graça.

«Estrêla» que abala para Paris no meio da temporada, ou director de companhia que, nas mesmas condições, diz adeus aos contratados para ir fazer a Vichy a sua estação de águas, ressalvam o prejuízo de má fé com a sua *teatrada* airosa.

A falta a todas as cláusulas de um contrato — vamos lá com Deus — também é uma *teatrada*zinha de muito bom gosto.

Mas há ainda outras *teatradas*, muito mais fortes, que não merecem as honras do simpático qualificativo... *Grosso modo*, as praxes que regem a actividade teatral.

UMA ANECDOTA

O PRESTÍGIO DOS CÓMICOS

UMA família da província encontra-se no corredor de um teatro, ao acabar o espectáculo, com uns parentes que vivem em Lisboa:

— Vieram então ver a peça?...

— Não, responde a Zizi, viemos ver o Paulino... Toda a gente diz que é tão engraçado... Que pena ele não entrar na peça!...

— Essa agora! Então não o reconheceu?

— Pois se ele não entrou no espectáculo!

— Não diga isso! O Paulino é que era o «amanuense da repartição»...

— Sim?... E eu ri tanto, tanto! Mas se soubesse que era ele, ainda tinha rido mais!

EMMA GRAMMATICA



A excelsa artista italiana, a nova Duse, figura máxima do teatro de hoje, que está realizando no teatro de S. Luís uma sensacional série de recitas com obras primas do teatro universal, em que é maravilhosamente secundada por sua irmã, a também notável artista Irma Gramatica e o primeiro actor Memo Benassi

BINÓCULO

É este o título de uma «revuette» em 2 actos com que se estreiam em Lisboa, no fim da próxima semana, «Las Muñecas del Salom Foz», companhia composta de quinze jovens artistas contratadas isoladamente em Madrid pelo empresário Artur Emaús.

A «revuette», expressamente escrita, e que está sendo ensaiada na capital espanhola, é de Enrique Nieto de Molina, sendo a música do maestro Casanuevas. Os cenários estão sendo pintados por Baltazar Rodrigues. O guarda-roupa, todo novo, é do «costumier» Castelo Branco.

Como atracção, e fazendo números dentro da companhia, embora d'ela não faça parte, pois a «troupe» compõe-se apenas de quinze formosas tiples-dançarinas, exhibir-se-há o estilista argentino Walliery, no seu repertório de tangos e canções sul americanas.

O público exige, dia a dia, novos artistas, um novo nome que lhe aguce a curiosidade de ir ver uma peça. Por isso os empresários têm constantemente que refrescar os seus elencos e descobrir, com o telescópio, novas estrêlas no firmamento teatral.

Há, porém, «estrelinhas» de luz tão intensa que se vêem a olho nú... Está neste caso Elisa de Guizette, uma azongada rapariga; de olhos negros da cor da noite, mas que dão para iluminar toda uma scena. Elisa de Guizette já apareceu, já criou público, já tem os seus partidos entusiastas. Agora, pela mão de Carlos Leal e de Rosa Mateus, guinda-se ao último degrau, para a glória efemera ou duradoura das «vedetas». A companhia está em organização, devendo partir na primeira quinzena de Dezembro para a província.

B

BERTRAND-IRMAOS. L^{DA}
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO 27
LISBOA

BANANIA

A MAIS PREFERIDA DE TODAS AS FARINHAS NUTRITIVAS

Latas de 250 gr. — Esc. 12\$00

Agencia e revenda:

RUA DA PRATA, 71, 1.º

ECONOMISA

2\$00 EM QUILO

Comprando a excelente

MARGARINA “AGUIA”

e protegendo também a industria do seu país

Fabrica Nacional de Margarina

Rua dos Correios, 152-N. 3438

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

O caíque da libré vermelha ultrapassa-nos, porque os nossos «caikdjijs» vão remando muito devagar; corre perto da margem; acosta. Está ali um vendedor de gulodices, que se prepara para fechar a sua grande caixa de vidro. Lady Falkland chama-o com uma linda voz bem timbrada:

— Helvadji!

O vendedor aproxima-se lesto. Vejo o pequeno de grandes anéis de cabelo, estender as mãos, delirante. E a mãe, com meiguices e gestos de contentamento enche aquelas mãosinhas de pastéis de mel, largos e redondos como *crêpes* folhados, e que se dobram em quatro para se comerem. Não é só isso. O homem desdobrou o papel maior que tinha e nêle embrulha *lukuns* de pistácias, pastéis de damasco e um enorme pedaço de *helva*; o *helva* turco é uma espécie de creme sólido, amalgamado de mel e amêndoas. Todas estas deliciosas coisas vão para dentro do caíque, para cima dos joelhos do grande «cavas» de boné em bico. É uma mamã muito terna, lady Falkland.

Enfim, pagas as compras, o caíque inglês avança. O nosso continua a sua lenta retirada. Mais uma vez, num embarço de barcos, lady Falkland passa junto de nós. Sorri para Mehmed paxá, que a saúda à turca, com a mão na frente. Que singular sorriso, infantil e amargo ao mesmo tempo! Sorri, com a boca entreaberta, como uma criança; mas as suas feições não perdem a rigidez... Sim, eu imagino: não deve ser divertido ter por esposo, todos os dias, sir Archibald Falkland.

A ribeira alarga um pouco; os «caikdjijs» alongam as remadas. Cá estão, à esquerda, o prado que circunda o quiosque imperial; à direita, as torres em ruínas de Anatoli-Hissar e as casinhas de madeira que se lhes encostam. E o Bósforo abre-se de par em par.

Agora, corremos a tóda a pressa para Stambul. Põe-se o sol; e o horizonte, a princípio pincelado de ocre, de púrpura e de verde esmeralda, começa a revestir a sua verdadeira cor turca, este carmim sombrio que só aqui se vê, e sobre o qual Stambul recorta, tão fantásticamente, a sua longa espinha azulada, tóda erizada de minaretes...

— Senhor marechal, que mulher é lady Falkland?

— Senhor coronel, lady Falkland é mulher de um indigno marido. Sir Archibald Falkland, director inglês da Dívida Otomana, é um trante, que não satisfeito de ter uma amante de baixo do tecto conjugal, se propõe desposar essa amante, desembaraçando-se, pelo divórcio, da mulher que o senhor acaba de ver, e roubando-lhe o filho único, que ela adora de joelhos. Enquanto espera este desenlace inevitável e próximo, lady Falkland vive como estranha, na sua própria casa, onde a amante de seu marido, recolhida por caridade, manda em seu lugar e a enche de humilhações. Eu sou marechal osmanli e príncipe na Circássia, e poucas vezes saúdo as mulheres sem vê-las, que não são da fé. Mas saúdo lady Falkland.

CAPÍTULO XI

Domingo, 11 de Setembro

Ontem à noite, baile no Summer Palace de Terápia, — o meu primeiro baile de Constantinopla. — Episódio: fui apresentado a lady Falkland.

O Summer Palace é o hotel selecto do Alto Bósforo: um enorme casarão de cinco andares, feio, mas sem ostentações, pois que um grupo de pinheiros mansos lhe esconde a frontaria. Outra circunstância atenuante: este casarão tem um largo terraço, suficientemente alto para que a vista do Bósforo seja magnífica.

Todos os sábados, no verão, o Summer Palace oferece aos seus hóspedes, bem como às pessoas distintas dos arredores, um sarau pouco escolhido, porém, bastante elegante, em razão da qualidade social dos estrangeiros que ali se encontram, em villegiatura. Tóda a diplomacia acorre, e contribui para o brilho ou, pelo menos, para a correcção do conjunto. Em resumo, os sábados do Summer Palace são toleráveis e frequentados. Estive lá ontem. Gosto de ir

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

a bailes, — em peregrinação melancólica às minhas recordações da mocidade. Claro está que não danço: tenho quarenta e seis anos. Mas gosto de ver um seio ou uma espádua, e de admirar a bela linha de uma cintura flexível, que verga no rodopio da valsa. Também às vezes aparece quem, sem se fazer rogar, consinta em *flirtar* comigo, ao canto de um balcão... Sim, bem sei que sou ridículo. Mas é preciso perdoar aos velhos as suas manias.

Ontem mesmo, foi o *flirt* que me saíu ao encontro. É verdade que foi sob a forma de Cristina Koluri, — ou de Calope: não me atrevi desta vez a formular a pergunta. Sim, agarrou-me no braço quasi à força, e arrastou-me a tóda a pressa para o canto mais escuro do grande terraço. Por falta de biombo, não percebem? Entre parênteses: após maduras reflexões, cheguei ao convencimento de que as meninas Koluri são antes semi-virtudes do que virtudes inteiras: a de ontem, como eu lhe propus, à maneira de um hussard, raptá-la ali mesmo, no primeiro caíque que aparecesse, não achou melhor resposta do que um: «Não me tente!», que me gelou de espanto.

Mas, no baile do Summer, havia coisa melhor que as meninas Koluri.

Eu tinha notado, no meio do terraço, um grupo diplomático, sentado em círculo, em cadeiras de balouço e *fautuils* de palha. Achava-se ali Narciso Boucher e muitas outras excelências; e também várias mulheres, abafadas em *écharpes* e albornoses, porque a noite estava fresca. Depois de ter decentemente reconduzido à mãe a ingénua tão acessível à tentação, voltei ao terraço a cumprimentar o meu embaixador.

— Boa noite, coronel, sente-se. Olhe, aqui está um *fautuill*.

Narciso Boucher expandia-se em atenções. Em audiência privada, não valho grande coisa para ele: um soldado, bolas; mas em público, o caso era diferente: sou o marquês de Sévigné, e ele pode fazer soar o meu nome, apresentando-me. Por infelicidade, eu já tinha sido apresentado a tóda a roda. Era quasi tudo pessoal diplomático; e havia dois ou três altos personagens da *Régie* ou do Banco. Sentei-me ao lado do velho duque de Vilaviciosa, embaixador de Itália, e tudo esqueci para saborear a palestra d'este velho, porventura o mais espiatório e o mais cortês dos grandes senhores da Europa.

De repente, foi preciso alargar a roda: era sir Archibald Falkland e o príncipe Estanislau Cernuwez que chegavam. Não os tornára a ver depois da sua visita à rua de Brussa. O nosso encontro foi inteiramente cordial. A pesar de tudo, a opinião de Mehmed paxá não me saía da cabeça, e sem querer, a minha mão ficou inerte na do baronete. O príncipe instalou-se entre mim e Vilaviciosa, e interpelou-me imediatamente sobre Racine.

Parece-me que não há nada mais ridículo do que uma controvérsia literária numa sala onde estão mulheres a chalar. Pus logo ponto no assunto. O velho duque veio em meu auxílio, interrogando Cernuwez sobre as suas últimas caçadas na Ásia. Mas a conversação generalizou-se, arrastando os ápartes. Madame Kerloff, era russa, ledora de Bourget, que se embriagava três vezes por semana, tratava de obter de cada pessoa presente, «uma definição do amor».

— Vejamos, senhor embaixador da França, o senhor não me respondeu. O que é o amor?

Narciso Boucher, folgazão, encolheu os ombros:

— Se há aqui alguém que o saiba, é a senhora baronesa.

Bum! Em cheio. Ninguém em Constantinopla ignora as aventuras de Kerloff. Felizmente, com os russos pode levar-se a ironia muito longe: custa-lhe a compreender. Madame Kerloff entendeu que lhe tinham feito um cumprimento.

— Duque, é a sua vez, defina!

Vilaviciosa sorri:

— Senhora, sou muito velho. O amor? Talvez soubesse o que isso era, há trinta anos... mas esqueci-me.

Ela não desanimou:

— Príncipe?

Cernuwez, sarcástico, levantou os seus olhos de gato.

— O amor, senhora! É um mal entendido entre uma dama e um cavalheiro, um mal entendido que se prolonga.

— Hein?

— Sim: logo que o mal-entendido se dissipa, desde que a dama sabe bem quem é o cavalheiro, e o cavalheiro quem é a dama, está tudo acabado!

Ainda falava quando houve novo movimento de cadeiras. Desta vez, o próprio Narciso Boucher levantou-se para cumprimentar e oferecer a sua cadeira. Era a embaixatriz da Inglaterra, de braço dado com lady Falkland, que eu

logo reconheci. A embaixatriz aceitou a cadeira; depois, com a sua velha voz quebrada:

— Viemos interromper o príncipe Cernuwez. De que se tratava, príncipe?

— Senhora, — declarou, tão doce agora, quanto pouco antes fôra azêdo — a baronesa Kerloff interrogava-nos sobre o amor. E eu estava dando a minha humilde opinião, a saber, que o amor, para as almas que teem alguma nobreza, serve de desforra contra tódas as tristezas e tódas as vilesas da vida...

Claro! Toca-se a música conforme os ouvidos. Cinco minutos mais cedo, eu teria rido com gosto. Agora, nem disso me lembrei. Ocorreu-me uma ideia súbita. Levantei-me, atravessei a roda, e, de pé, diante de sir Archibald:

— Quere dar-me a honra de me apresentar a lady Falkland?

Ele encarou-me e, palavra de honra, tive uma sensação desagradável sob a pressão glacial daqueles olhos fixos, que me perscrutavam sem benevolência. Não havia ciúme naquele olhar, não; havia outra coisa: espanto, suspeita e desconfiança, com um abismo de ódio e de ferocidade que eu sentia pulular... Todavia apresentou-me — com uma frase bastante singular, que transcrevo literalmente:

— Mary! o marquês de Sévigné, que é meu amigo.

Seu amigo?... como é se empenha nisso!

Sem pensar mais no caso, voltei as minhas atenções para lady Falkland. Sexta-feira, nas Águas Dóces, vir-a rapidamente. Merece mais demorado exame: é uma verdadeira belidade, e tão pouco inglesa! Uma pele mate, dourada aqui e ali; cabelos cor da noite; mãos pequenas; e aqueles magníficos olhos sombrios, que já no outro dia me tinham ofuscado: olhos que vivem e que pensam; — nada que se pareça com aqueles simples carbúnculos gregos ou sírios, que sabem só brilhar. Apenas uma cousa me surpreendeu: o que nas Águas Dóces me ferira a atenção, quando vi lady Falkland, tinha sido a funda melancolia que lhe anuviava o semblante. E ontem não lhe notei nada que se parecesse com isso. Lady Falkland conversava e ria tão francamente como qualquer das senhoras presentes. Zombava finalmente, com pequenas frases, da sentimental Kerloff, que já recebera quatro recusas, e se obstinava em prosseguir nas suas investigações sobre o amor; divertiu, quanto pôde, a embaixatriz inglesa, que é uma velha senhora, para quem a vida não tem sido agradável: aceitou com bom parecer os gracejos sempre pesados de Narciso Boucher; e perante os meus cumprimentos, que senti serem sinceros, e que eu dividia entre ela e o belo rapazito que viria no caíque, soube responder com uma graça e um encanto que me deixaram admirado. Mas nem uma só vez a surpreendi distraída, pensativa ou taciturna. E cheguei a duvidar da recordação que me ficara...

Mas de repente — era mais de meia-noite, e os saraus do Summer pouco mais se prolongam — chegou da sala de baile um par, que vinha fazer *salaam*: o pequeno João Terail, guarda-marinha de um navio estacionário, e sua mulher, essa deliciosa boneca francesa. Teem quarenta anos entre os dois, estão casados há seis meses e adoram-se perdidamente.

— Então! — disse Narciso Boucher — já voltam os pisoceros, é porque além já acabou o giro?

João Terail sorriu, apertando o braço da esposa:

— Acabou o baile, senhor embaixador.

Notei então que lady Falkland se calára, e estava olhando, com estranha fixidez, para os dois jovens, encostados um ao outro, quasi enlaçados.

— Senhor Terail — gracejou o velho Vilaviciosa — se eu tivesse uma mulher tão linda,

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25\$00 esc.; pelo correio, oculto, 26\$00. Preço do n.º 3, 40\$00 esc.; pelo correio, 42\$00. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

Estes produtos, não prejudicando nada o organismo, teem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º LISBOA

e FARMACIA LUSO-BRITANICA FUNCHAL

persuado-me de que lhe não permitiria que dançasse tóda a noite, com qualquer pessoa...

— Como, com qualquer pessoa? — protestou a pequena. — Senhor embaixador, precisamente esta noite, só dancei com meu marido.

No mesmo instante ouvi, entre os risos, um ligeiro ruído de cadeira: era lady Falkland que discretamente se levantava, escapando-se, para se ir encostar na extremidade do terraço, voltada para o mar.

Impeliu-me a curiosidade. Há mais adiante uma escada que permite sair pelos jardins. Despedi-me de todos e saí. O vulto de lady Falkland, imóvel, semelhava de longe um esbelto fantasma, azulado no banho do luar. Quasi a surpreendê-la, tive um escrúpulo, e fiz estalar os sapatos sobre as lajes. Mas creio que ela não ouviu.

— Senhora, — disse eu — tenho a honra de apresentar-lhe as minhas despedidas.

(Continúa).

AU RENARD ARGENTÉ

PELES DE ABAFO EM TODOS OS GENEROS

Confeções, Transformações e Concertos

Côrte rigoroso e perfeito acabamento

R. DE S. NICOLAU, 13, 3.º

Telefone: Central 3915

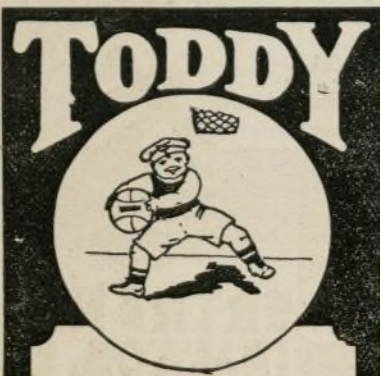
AS MEIAS de LINHO PRINTEMPS

ção de qualidade

— GARANTIDA —

Venda exclusiva

AU PRINTEMPS. R. Ivens 56-LISBOA



Dá às crianças uma saúde de ferro É o alimento energético por excelência para novos e velhos

À venda nas farmácias, drogarias, confeitarias, mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L. DA

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

TATÁ CHAPELIER EN VOGUE

632

CENTRAL TELEFONE



FOTO-GRÁVADORES

BERTRAND IRMAOS. Lda

T. DA CONDESSA DO RIO 27 TEL. T. 96

GRAFOLOGIA

AVISO IMPORTANTE

TEMOS em nosso poder grande número de consultas já devidamente analisadas mas que em face da impossibilidade de ampliar o espaço reservado a esta secção, aguardam a sua publicidade segundo a ordem por que foram recebidas e consequentemente numeradas.

Cumpre-nos chamar a atenção para este facto a todas as nossas Ex.^{mas} Clientes que se nos tem dirigido pedindo que o resultado da sua análise seja imediatamente publicado no «próximo número». A pesar de toda a nossa boa vontade, muitas vezes não podemos aceder a esse pedido, rogando-lhes por isso que aguardem pacientemente a publicação da sua análise, a qual não deixará nunca de ser feita, mas só na altura que lhe compete, para não preterir injustamente as consultas que foram recebidas primeiro.

N.º 134 — *Uma Sambrasence* — Emoção e sentimentalismo por vezes exaltado e de extraordinárias consequências. Discreção, sabendo guardar bem os segredos e as suas posses...

N.º 135 — *Carta de Bruxelas* — Intellectualidade, energia e vontade orientada principalmente no sentido da satisfação dos seus próprios desejos. Fidelidade contrariada por um espirito materialista.

N.º 136 — *Marle A.* — Despensividade, entusiasmo e desorientação resultante do excesso de sentimentalismo tentando auto-sugestionar-se na posse de um temperamento que se esforça por mostrar-se calmo e ponderado, mau grado seu.

N.º 137 — *Rosa Chá* — Afectividade simples e sincera emoldurada por um caracter correcto, em luta com uma certa materialidade que com vantagem procura reprimir.

N.º 138 — *Joaninha, Porto* — Compreensão inteligente das necessidades sabendo ordenar os seus desejos sensatamente. Bondade, intuição e equilíbrio de faculdades.

N.º 139 — *Alegre* — Nervosismo resultante de um mental precipitado. Um pouco voluntariosa e... desconfiada do proximo e também de si propria.

N.º 140 — *Gramofone* — Intellectualidade, actividade de espirito e esplendidas faculdades de trabalho numa demonstração evidente de sequencia de ideias que procura sempre realizar com a maior energia e decisão. Constancia, ordem disciplinada, ponderação e cavalheirismo. Defeitos: Despensividade em obediencia à apparencia exterior. Cólera reprimida e entusiasmo agitado.

N.º 141 — *Bonitinho* — Afectividade natural. Orgulho resultante da convicção dos seus méritos pessoais. Discreção e assimilação.

N.º 142 — *I. P. G., Orm.* — Atitudes cuidadas, sabendo impôr-se de maneira a valorizar-se. Sensibilidade disfarçada, timidez.

N.º 143 — *Bilhete postal — Porte du Palais* — Actividade de espirito a que não é estranha uma contra agressividade e uma energia extrema em defender as suas ideias. Imaginação e intelligencia culta.

N.º 144 — *Portuense, Santo Tirso* — Exactidão, constancia e vontade forte, tentando dominar um temperamento bastante emotivo e sensível. Nervosismo, exterioridade cuidada e ambição.

N.º 145 — *Coisa que adora Lisboa* — Carácter expansivo em luta aberta com o meio e as ideias. Franquesa que atinge a indiscreção. Elegancia natural a que não é alheia uma certa pretensão.

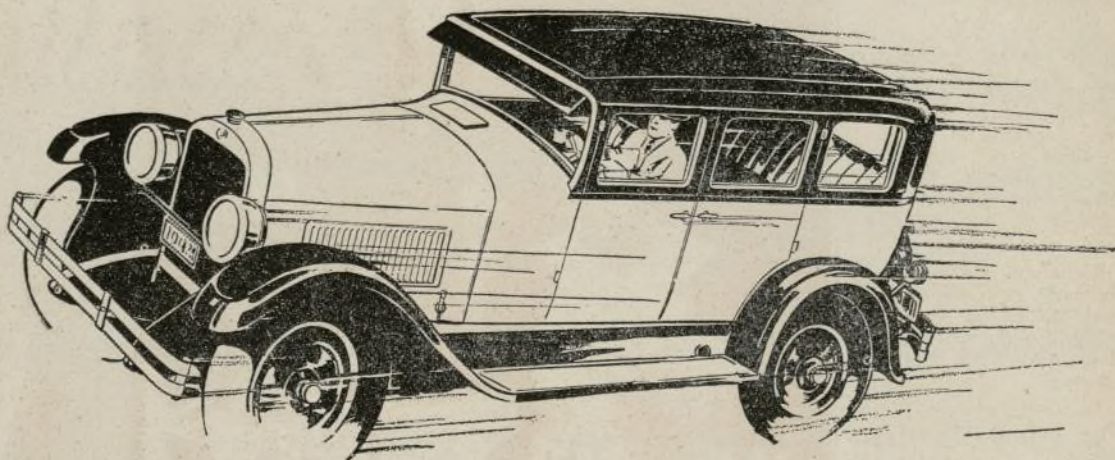
N.º 146 — *C. M. C. B.* — Desordem mental, impressionabilidade e imaginação desregrada. Desejo de clareza e espirito apreensivo pelo futuro.

N.º 147 — *Morgadilha dos Canaviaes* — Energia e materialidade dissimulada. Temperamento de fogo mantido sob a pressão violenta de uma consciencia disciplinada e correcta. Discreção e sentimentalismo.

N.º 148 — *Uma admiradora da «Voga»* — Intuição e egoismo inofensivo. Franquesa e affectividade adicionada a uma determinada precipitação, fructo da sua sensibilidade exaltada.

N.º 149 — *Violeta dos campos* — Compreensão das necessidades pessoais. Equilibrio de faculdades e maleabilidade de instinctos.

N.º 150 — *Perola Negra* — Orgulho e idealismo resultante do seu espirito talvez demasiado romantico. Uma certa tendencia para o exagero de expressões e atitudes.



O CARRO DE HOJE — E DE AMANHÃ

O novo Quatro Cilindros «Dodge Brothers» representa a opinião dos principais engenheiros de automóveis, que o carro do futuro será relativamente leve e de mediana distancia entre-eixos.

Razões para isso: Maior conforto em viagens por más estradas e maior segurança pelo seu facil manejo em logares de grande movimento em relação aos carros de maior tamanho.

No novo motôr Quatro Cilindros, modelo «124» a economia de óleo é aumentada por um melhorado sistema de lubrificação e o consumo de gasolina reduzido de um quinto.

REPRESENTANTES:

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

N.º 151 — *Uma que adora Coimbra* — Energia aparente, aliada a uma certa dissimulação. Falta de persistencia, sucumbindo ante a primeira contrariedade.

N.º 152 — *Triste e esquecida, Porto* — A causa da fatalidade de que tão amargamente se queixa, é devida ao seu temperamento demasiado simples e incompreensível. A sua bondade franca e sincera é-me extremamente simpática e desejaria um documento mais extenso afim de melhor poder diagnosticar os seus males morais.

N.º 153 — *Lita* — Actividade de espirito na compreensão exacta das suas qualidades e defeitos. Esta faculdade permite-lhe, pois, vigiar as suas atitudes e valorizar-se ante aquêles que a vangloriam mais do que deveria ser.

N.º 154 — *J. P. C.* — Exaltação reprimida, dispndividade ponderada. Bondade contrariada por um orgulho que muito conviria reprimir.

N.º 155 — *Adamastor* — Um bom grafismo em toda a acepção da palavra, irradiando actividade, energia e vigor. Intelligencia fogosa e culta, prometendo um futuro brilhante num meio onde predomina o desanimo e a indiferença. Cautela, pois, com estes contágios e procure sempre manter-se alheio às teorias derrotistas que pairam bem perto da sua personalidade.

N.º 156 — *Ipso* — Carácter ordenado e sincero, sabendo manter a dignidade da sua posição e logar social. Energia somente contrariada por um temperamento demasiado material. Ponderação, economia e discreção.

N.º 157 — *Lima* — Mobilidade de impressões, reserva e cavalheirismo. Dificuldade em apreender o conjunto dos aspectos, motivada pela posse de uma natureza que se perde de ordinario em detalhes, esquecendo o todo.

N.º 158 — *Lita Desditosa, Alentejo* — Desanimo e tristeza motivada por uma má interpretação de decisões e atitudes. Afectividade exaltada e precipitação.

N.º 159 — *Miss Z., Lisboa.* — Harmonia de gestos e expressões. Altivez pronunciada pela certeza do exito resultante dos seus dotes físicos e mais intellectuais que morais. Orgulho e egoismo inofensivo.

N.º 160 — *Miss Renée, Lisboa.* — Frieza de atitudes e diplomacia de expressões e palavras. Economia calma e ponderada sabendo, contudo, não perder as oportunidades que a valorizam.

N.º 161 — *Uma noiva* — Energia, actividade exaltada e pretensão consciente do seu valor. Sabe guardar um segredo, não obstante orgulhar-se dissimuladamente por isso.

N.º 162 — *B. A., Porto* — Equilibrio de faculdades, bondade ponderada e subordinada ao seu bem estar e comodidade pessoal. Actividade de espirito tendente ao desenvolvimento de faculdades apreciáveis.

N.º 163 — *O. Augusto* — Sequeiros. — Simplicidade, bondade e intelligencia. Hábito de leitura e economia ponderada e cautelosa.

N.º 164 — *Luar — Lisboa.* — Método, observação e reserva. Egoismo desenvolvido em mani-

festações perigosas. Calma e tendências ao exhibitionismo original.

N.º 165 — *Uma admiradora da «Voga»* — Precipitação impulsiva. Submissão e falta de energia pessoal em repelir o domínio alheio. Simplicidade e hesitação em resoluções.

N.º 166 — *Manecas (soneto).* — Vontade forte e disciplinada. Bondade natural e sincera. Orgulho intellectual e disfarçado. Abnegação e sentimentalismo.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.^{mas} consulentes da *Voga*, reendereçarem estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

TODOS temos o nosso passatempo favorito, a nossa «paixão» que nos atrai sempre que temos alguns momentos de ócio. Pouco vem ao caso a situação ou posição de cada um — todos procuram aplicar as suas horas vagas em alguma coisa, que, geralmente, constitui estragante contraste com o normal da vida de todos os dias.

Nas suas horas de folga, que por sinal eram muitas, Maria Antonieta gostava de pôr-se a ordenhar pacientes vacas, feliz pela simplicidade desse passatempo. A rainha Maria, da România, costuma dedicar-se a escrever livros e versos para crianças, e fazia-o com galhardia. O príncipe Henrique, da Suécia, sempre que dispõe de tempo, torna-se num denodado explorador, enveredando por quanta terra ainda lhe possa ser estranha. Richelieu, o famoso cardeal, era um apaixonado pelo jogo de xadrez. Os imperadores da China deixaram-nos magníficos exemplos da musa de sua celestial terra. O rei Jorge, da Inglaterra, Alberto, da Bélgica, e Afonso, da Espanha, são todos três inveterados colecionadores de selos e possuem as três mais ricas coleções do mundo.

Interessante também é a predileção de gente menos proeminente. Sabe-se de um sapateiro, nos Estados Unidos, que já leu e decorou quasi que todas as obras de Shakespeare. Em curioso contraste existe um estadista americano que, nas horas de ócio, se dedica à leitura de quanta história mal escrita mas cheia de episódios sensacionais a respeito do sherlockismo policial lhe aparece. E há também um simples limpador de chaminés que se dedica apaixonadamente a colecionar rosas de rara qualidade. No terraço que fica por cima da casa pobre em que reside, tem ele as suas numerosas roseiras tratadas com um carinho digno do mais requintado temperamento apreciador de coisas formosas.

Com os astros da scena muda passa-se a mesma singularidade a respeito de predilecções. Dorothy Phillips (como se prova com a foto aqui reproduzida) entretém-se no arqui-pitresco passatempo de jogar o bilhar com... dados de tamanho desproporcionado. Simples e ingénua passatempo digno... dum colete de forças, pelo menos. Por outro lado, vemos Paulina Starke praticando a arte subtil das manicuras com um polidor que chegaria bem para as unhas dum elefante de maior idade. A terceira das nossas fotos mostra Sally O'Neil, Joan Crawford e Constance Bennett gosando



PASSATEMPOS FAVORITOS

A vida social de Hollywood parece despertar pouco interesse no artista. E quando os deveres no «estudio» não exigem a sua presença, é certo que Lon Chaney pode ser encontrado, ou tirando fitas com a sua pequena máquina cinematográfica, ou distraído - se com o rádio, lendo alguma

coisa em bons livros, ou então — na cozinha. Aí é ele senhor supremo; sabe realmente «como é o tempêro». «Tell it to the Marines» e «Mr. Wu» são, como tantas outras produções de Lon Chaney, excelentes trabalhos de arte, mas em se tratando de arte culinária, é também necessário que se lhe reconheça um mérito muito seu. Ninguém o excede na Califórnia, na hora de preparar um pato à «La Royale», ou um peru à americana. E nas sobremesas, então, nem é bom falar. Lon Chaney é mestre.

Vejamos, agora, Renée Adorée e John Gilbert; os dois famosos artistas que deram fama a «O Grande Desfile». Renée é uma cuidadosa colecionadora de feras — leões, ursos, tigres, gorilas, hipopótamos, enfim, bichos de todas as qualidades, menos os de sete cabeças... mas são bichos de pano!... John estuda direito... talvez por linhas tortas... E continuaremos...

as
doças
alegrias
da vida
das coristas
e das
costureiras de
teatro, desse teatro
que vê um papão
no pacatíssimo cinema.

Mas isto, está claro, é tudo... fita. Nenhuma destas estrêlas, pagas a peso de ouro para serem estrêlas, sente vocação nenhuma para, na vida real, ser qualquer coisa destas. Predilecções curiosas são outras. Vejamos:

Lon Chaney, por exemplo, o grande intérprete de «Tell it to the Marines», tem um fraco extraordinário pela cozinha. Fazer um pitêo de primeira ordem, é com ele. E orgulha-se disso, a pesar de não ser um gastrônomo. Na intimidade, Lon Chaney é, para aqueles que o cercam, um homem misterioso.

